

# A VIOLÊNCIA CONTRA O CORPO FEMININO: UMA QUESTÃO DE DIREITOS HUMANOS NO CONTO “VENHA VER O PÔR DO SOL”

## *VIOLENCE AGAINST THE FEMININE BODY: A HUMAN RIGHTS ISSUE IN THE SHORT STORY “VENHA VER O PÔR DO SOL”*

Maria Gabriela Lima GOMES\*

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Raimundo Nonato Lopes de ALMEIDA\*\*

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Nismária Alves DAVID\*\*\*

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

**RESUMO:** Este artigo analisa o conto “Venha ver o pôr do sol”, da escritora brasileira Lygia Fagundes Telles. Trata-se de um texto que foi publicado na coletânea *Antes do baile verde*, em 1970. Seu enredo expõe uma temática bastante atual: a violência contra o corpo feminino. A narrativa apresenta o último encontro entre um casal, o qual é marcado por uma atmosfera de mistério que culmina no aprisionamento da protagonista, consequentemente, silenciada e aniquilada. O referencial teórico é constituído pelas ideias de Lynn Hunt (2009) sobre os direitos

---

\* Mestranda em Estudos Literários e Interculturalidade, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (Posliti), da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, Cidade de Goiás. E-mail: [gabiiiiillima@gmail.com](mailto:gabiiiiillima@gmail.com)

\*\* Mestrando em Estudos Literários e Interculturalidade, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (Posliti), da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, Cidade de Goiás. E-mail: [lopes.almeida.2017@gmail.com](mailto:lopes.almeida.2017@gmail.com)

\*\*\* Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Pós-Doutora em Estudos Culturais pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no Curso de Letras da Unidade Universitária de Pires do Rio e no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) do Câmpus Cora Coralina. Integra a RedePoesia, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP/CNPq), o GT da ANPOLL Teoria do Texto Poético e o Gelco. CV: <http://lattes.cnpq.br/6682621513643586> E-mail: [nismaria.david@ueg.br](mailto:nismaria.david@ueg.br)

humanos, Simone de Beauvoir (1970a; 1970b) sobre a condição feminina e de Pierre Bourdieu (2012) sobre a dominação masculina, entre outros. Como resultado da análise, pode-se verificar que, no contexto de uma sociedade estruturalmente patriarcal, a trama de opressão confirma a necessidade da contínua luta pelos direitos humanos das mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulher. Corpo. Violência. Direitos Humanos.

**ABSTRACT:** This paper analyzes the short story “Venha ver o pôr do sol” by Brazilian writer Lygia Fagundes Telles. The text was published in the anthology *Antes do baile verde* in 1970. Its plot exposes a very current theme: violence against the feminine body. The narrative presents the last encounter between a couple, which is marked by an atmosphere of mystery that culminates in the imprisonment of the protagonist, consequently silenced and annihilated. The theoretical framework is constituted by the ideas of Lynn Hunt (2009) on human rights, Simone de Beauvoir (1970a; 1970b) on the female condition and Pierre Bourdieu (2012) on male domination, among others. As a result of the analysis, it can be seen that the plot of oppression confirms the need for the continuous struggle for women's human rights in the context of a structurally patriarchal society.

**KEYWORDS:** Woman. Body. Violence. Human Rights.

“As declarações — em 1776, 1789 e 1948 — providenciaram uma pedra de toque para esses direitos da humanidade, recorrendo ao senso do que ‘não é mais aceitável’ e ajudando, por sua vez, a tornar as violações ainda mais inadmissíveis”. (Hunt, 2009, p. 216)

## **Introdução**

Para a abordagem da história dos direitos humanos, Lynn Hunt (2009) menciona como ponto de partida a declaração feita por Thomas Jefferson (1743-1826), em 1776, de que a igualdade entre os homens se assenta nos direitos que lhes são inalienáveis, a saber: “a vida, a liberdade e a busca da felicidade”. Nessa perspectiva, os direitos humanos devem, necessariamente, “ser naturais (inerentes nos seres humanos), iguais (os mesmos para todo mundo) e universais (aplicáveis por toda parte)” (Hunt, 2009,

p.19). Isso significa que há direitos humanos quando todas as pessoas no mundo, por sua condição humana, usufruem deles de modo igual.

No entanto, não se observa esse usufruto na totalidade. Atenta a isso, a referida pesquisadora traz a seguinte indagação: “Como podem os direitos humanos ser universais se não são universalmente reconhecidos?”. E responde que “nem o caráter natural, a igualdade e a universalidade são suficientes. Os direitos humanos só se tornam significativos quando ganham conteúdo político. Não são os direitos de humanos em um estado de natureza: são os direitos de humanos em sociedade” (Hunt, 2009, p. 19).

Em especial, sobre os direitos humanos das mulheres, verificamos que a opressão, ao longo da História, ocorre por questões sexuais. Vistas como corpos a serviço das tarefas domésticas e da reprodução, “[p]ensava-se que as mulheres eram moralmente, se não intelectualmente, dependentes de seus pais e maridos, mas não se imaginava que fossem desprovidas de autonomia” (Hunt, 2009, p. 169), por isso mesmo, há a prática da intensa vigilância sobre seus corpos.

Embora Marquês de Condorcet tenha publicado o editorial “Sobre a admissão das mulheres aos direitos da cidadania” em fins de 1789, cabe à Olympe de Gouges (1748-1793) a defesa dos direitos iguais para as mulheres com a Declaração dos Direitos da Mulher, em 1791, cujo artigo 1º afirmava: “A mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos”.

No entanto, devemos destacar que a visão biológica predominante no século XIX sobre as mulheres passou a justificar que os corpos femininos eram inaptos para a vida fora do ambiente doméstico. Como explica Hunt (2009), as mulheres passam a ser consideradas o sexo oposto dos homens; a estes, por sua vez, cabia a vida pública, ou seja, o exercício dos “direitos de humanos em sociedade”.

Como notamos, os direitos humanos foram e estão sendo construídos continuamente, devendo ser endossados. Nesse sentido, Hunt (2009, p. 210) salienta que os discursos e as legislações “contra o genocídio, a escravidão, o uso da tortura e do racismo”, bem como aqueles a favor da proteção dos grupos historicamente marginalizados como o das mulheres revelam a necessidade de resgate dos direitos violados e esquecidos.

A literatura possibilita a recriação de circunstâncias em que várias questões relacionadas à condição feminina são sua matéria. É o caso da prosa de Lygia Fagundes

Telles (1918-2022) ao dar realidade às vivências das personagens. Sua ficção assume relevância para o conhecimento e o questionamento das práticas culturais que nos foram legadas historicamente. Em específico, este trabalho pretende se debruçar sobre o seu conto “Venha ver o pôr do sol”, que foi publicado na coletânea **Antes do baile verde**, em 1970.

Naquele início de década, no contexto mundial, ocorriam profundas mudanças, dentre elas, a intensificação dos movimentos feministas para a contestação dos papéis tradicionais de gênero. À medida que a sociedade brasileira enfrentava o auge da repressão do regime militar, a cultura buscava driblar o controle do Estado por meio de formas indiretas de expressão artística. Dentro dos limites conservadores que controlavam a sexualidade e o corpo, já se via a denúncia da violência doméstica e a defesa da liberdade sexual da mulher.

Ao longo dos anos, avanços paulatinos vêm sendo conquistados pelos movimentos feministas. Contudo, na sociedade contemporânea, os direitos humanos das mulheres ainda são frequentemente violados, como evidenciam os diversos tipos de violência aos quais elas são submetidas em razão do seu gênero.

“Venha ver o pôr do sol”, embora escrito há mais de cinquenta anos, continua atual ao mobilizar a temática da opressão feminina que ainda persiste na contemporaneidade, indo na direção do que disse Ezra Pound quando definiu literatura como “novidade que PERMANECE novidade” (Pound, 2006, p. 33, grifo do autor). Para além do tema, este conto singulariza-se pela presença de uma linguagem poética, construída por recursos expressivos que ampliam as possibilidades de leitura e interpretação.

## **1 A contística de Lygia Fagundes Telles, um olhar atento sobre a condição feminina**

Ícone da Literatura brasileira, Lygia Fagundes Telles é uma das maiores escritoras da língua portuguesa entre os séculos XX e XXI. Desde a tenra idade, demonstrou interesse pelas Letras e teve sua estreia literária aos quinze anos de idade, com o livro de contos **Porão e Sobrado** (1938). Todavia, foi seu primeiro romance, **Ciranda de Pedra**, publicado em 1954, que a tornou conhecida nacionalmente. Sua produção literária

circulou também no âmbito internacional, vindo a angariar o importante Prêmio Camões em 2005. Soube ocupar espaços antes restritos à figura masculina, como evidencia sua entrada na Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1985, e sua indicação ao Prêmio Nobel de Literatura, em 2016.

A ousadia nos textos de Lygia Fagundes Telles tem sido objeto de discussão, tanto por sua condição de mulher escritora (com ideias atentas à realidade e, até mesmo, à frente do seu tempo), quanto por seu modo criativo e surpreendente de abordar temas universais. A título de ilustração, suas histórias abordam inúmeros temas universais como a morte, o amor, o medo, além da fantasia.

Para Lúcia Osana Zolin (2005, p. 1), Lygia Fagundes Telles integra o grupo seletivo de escritoras que seguiram a esteira de Clarice Lispector:

Trata-se de escritoras que, tendo em vista a mudança de mentalidade descortinada pelo feminismo em relação à condição social da mulher, lançam-se no mundo da ficção, até então genuinamente masculino, engendrando narrativas povoadas de personagens femininas conscientes do estado de dependência e submissão a que a ideologia patriarcal relegou a mulher. (Zolin, 2005, p. 1).

Os debates feministas proporcionaram uma nova consciência. Assim, muitas escritoras passaram a ocupar os espaços que eram predominantemente masculinos, bem como a criar histórias centradas em personagens femininas.

Considerando que a literatura representa a realidade, o conto literário “Venha ver o pôr do sol” é um exemplo de texto que expõe a fria execução de um crime, especificamente, a violência de um homem contra uma mulher que, por certo, poderia ser tratado como um caso de feminicídio<sup>1</sup>, crime hediondo, conforme a legislação penal brasileira após 2015.

Com base nas informações veiculadas pela imprensa e pelas mídias sociais, é fato que a violência contra a mulher ocorre de forma diária, especialmente no Brasil. Cárcere privado, tortura, espancamento e outros tipos de violências são utilizados como modo de intimidação. O ciúme exacerbado por parte dos parceiros, a não aceitação de uma separação e, por fim, a perda do controle da relação afetiva fazem com que os

---

<sup>1</sup> O feminicídio caracteriza-se pelo homicídio praticado contra mulher em razão de sua condição feminina. Na Lei n.14.994/2024, deixou de ser uma circunstância qualificadora do crime de homicídio (alterando o que previa a Lei n. 13.104/2015) e passou a ser considerado um crime autônomo, tipificado no artigo 121A do Código Penal Brasileiro.

relacionamentos terminem de modo trágico, culminando no crime de feminicídio, entendido como um ato de violência extrema cometido contra a mulher em razão de sua condição de gênero. Geralmente, não há a devida punição dos culpados, o que provoca um sentimento de indignação naqueles que clamam por justiça. Muitas vezes, prevalece a ideia de que um corpo feminino, caído ao chão, sem vida, não tem a menor importância para a sociedade.

As relações de poder presentes nas práticas culturais moldam as formas de os sujeitos perceberem-se e agirem no espaço social. Certas identidades são fragilizadas e controladas, como é o caso da mulher, uma vez que a opressão e o silenciamento deixam marcas que ultrapassam o episódio violento em si. A violência contra a mulher decorre de sistemas simbólicos classificatórios que constroem uma identidade feminina como inferior e subordinada. Por isso, discutir esse tipo de violência implica necessariamente abordar o conceito de identidade. Esse termo é definido por Stuart Hall (2006, p.13) como “celebração móvel” que, de maneira constante, é reconfigurada historicamente nas práticas culturais, não sendo determinada por uma essência natural biológica.

Desse modo, chegamos a Simone de Beauvoir (1970a) que desloca a discussão acerca da identidade de gênero da Biologia para o campo cultural:

Não é enquanto corpo, é enquanto corpos submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza. E, diga-se mais uma vez, não é a fisiologia que pode criar valores. Os dados biológicos revestem os que o existente lhes confere. (Beauvoir, 1970a, p. 56-57).

Ocorre frequentemente a exacerbação da dominação masculina, por meio do uso da força física. A desigualdade entre o poder do homem em relação à mulher está presente nas relações sociais, validando a crença que transforma os corpos femininos em meros objetos, semelhantes às propriedades de seus parceiros.

O corpo, para Beauvoir (1970b), não é apenas um dado biológico, é a sociedade que lhe atribui significados. Por exemplo, a mulher é historicamente colocada como “o outro” em relação ao homem, sofre com o controle da sexualidade, a imposição da maternidade e a exigência de rígidos padrões de beleza. Ainda, a teórica francesa enfatiza que o sujeito está sempre se tornando, havendo a necessidade de perceber a condição do outro também como sujeito, não como objeto.

Nesse sentido, há a violência simbólica arraigada na estrutura social. A esse respeito, Pierre Bourdieu (2012) pontua o seguinte:

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (Bourdieu, 2012, p. 7-8)

Entende-se que a dominação masculina é imposta de forma contínua, podendo se manifestar também como uma prática sutil. Assim, as vítimas da situação opressora acomodam-se e passam a conviver com as atitudes violentas como se fossem naturais. A violência simbólica está implícita na sociedade patriarcal por meio dos valores culturais, como afirma Bourdieu (2012):

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os habitus: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais. (Bourdieu, 2012, p. 45)

Percebe-se que o poder concedido aos homens se alicerça em valores viris, os quais exigem necessariamente a negação do feminino. Embora a virilização pareça ser natural, na verdade, é também uma imposição cultural que constrange os homens a construírem a virilidade diante de (e para) outros homens. A partir das ideias de Bourdieu (2012), pode-se salientar que, em uma sociedade patriarcal, a estrutura de poder é androcêntrica. Predomina um discurso social que atribui ao homem um lugar de respeito incondicional, no qual a sua vontade é soberana. Os valores patriarcais pregam a suposta inferioridade da mulher, cabendo a esta a obediência sem quaisquer questionamentos. Caso contrário, a transgressão a essa norma é, em muitos contextos, retaliada com autoritarismo, como forma de reestabelecer a hierarquia ameaçada.

De acordo com Lúcia Osana Zolin (2005, p. 1), “o estereótipo feminino negativo [...] constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher”. A

violência simbólica e os diversos tipos de violência causam efeitos devastadores nas vítimas. Como resultado, verificam-se atos incontidos, nos quais a mulher, em uma condição de vulnerabilidade, acaba em sofrimento profundo, é silenciada e, em casos extremos, perde a sua vida.

No entanto, o agente da barbárie pode não sofrer as consequências de seu ato – prevalecendo a impunidade. Isso porque, comumente, os homens saem ilesos (como ocorre com Ricardo, vilão de “Venha ver o pôr do sol”) à medida que a mulher sofre a agressão passivamente (como ocorre com a protagonista Raquel). A seguir, isso será mais detalhado na análise do conto de Lygia Fagundes Telles.

## **2. O conto “Venha ver o pôr do sol”: representação da violência contra a mulher**

O texto literário pode tocar o âmago humano, tornando-se uma poderosa linguagem de denúncia. Conforme as observações de Edgar Allan Poe (1981), em “A filosofia da composição”, a narrativa curta, quando bem construída, é capaz de envolver profundamente o leitor. Como já foi dito, embora seja uma publicação de 1970, o conto “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles, exemplifica essa linguagem ao apresentar um enredo cuja temática permanece atual: a violência contra a mulher.

O conto narra o último encontro entre Raquel e Ricardo, ex-namorados, em um ambiente inesperado – o cemitério – que esconde a trama de uma violência premeditada e cruel. Ao longo da narrativa, Telles constrói uma atmosfera de tensão e suspense, na qual as sutis manifestações de poder e controle do homem sobre a mulher se revelam por meio de palavras e de gestos. Também há a violência simbólica implícita nas críticas que o homem faz às vestimentas da protagonista e às escolhas de sua vida, refletindo uma pressão constante sobre a mulher para que se encaixe nos padrões sociais.

Em um primeiro momento, não há violência física explícita, mas o conto expõe as diferentes formas de dominação que as mulheres vivenciam. Além da violência simbólica, devemos salientar que a violência psicológica é impactante e, ao mesmo tempo, difícil de ser identificada. Incapaz de lidar com o fim do caso amoroso, o vilão age de maneira dissimulada, manipulando Raquel. Esta, ao se desinteressar pelo relacionamento afetivo, passa a ser alvo de uma vingança meticulosamente planejada:



“Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr do sol num cemitério...” (Telles, 2009, p. 1). O que parecia se referir ao término do vínculo do casal é, na verdade, uma antecipação do fim da vítima.

Apesar de considerar o cemitério um lugar inapropriado para um encontro, a mulher é convencida pelo homem e aceita o convite, levando o leitor a acreditar que seria apenas mais um encontro romântico. Notando certa aflição por parte de Raquel, o vilão astuto tenta convencê-la de que a escolha daquele espaço foi assertiva: “Mas me lembrei deste lugar justamente porque não quero que você se arrisque, meu anjo. Não tem lugar mais discreto do que um cemitério abandonado, veja, completamente abandonado – prosseguiu ele, abrindo o portão” (Telles, 2009, p. 2). Com ironia, é apresentado um falso discurso de cuidado e, aos poucos, a trama vai revelando a verdadeira intenção de colocar a mulher em risco.

Essa manipulação reflete a estrutura patriarcal que confere ao homem o poder de controlar a mulher, mesmo após uma separação. A relação entre as personagens no conto pode ser analisada à luz de Beauvoir (1970a), ao lembrar que a condição feminina é colocada como o “outro” em relação ao masculino, sendo vista como inferior, submissa e dependente. A sutileza dessa violência reside na capacidade de o homem manipular a mulher sem que ela consiga identificar o ato como uma agressão, por isso, os efeitos se tornam ainda mais devastadores para a vítima.

Além disso, Bourdieu (2012) destaca que a violência sutil no corpo feminino pode ser exercida sem qualquer coação física e, no contexto de “Venha ver o pôr do sol”, o corpo da mulher torna-se um campo de lutas internas e externas, entre a busca por autonomia e o peso das normas que a sociedade lhe impõe, forçando-o a uma conformidade que desconsidera seus desejos e sua liberdade.

Em alguns momentos, Raquel chega a assumir uma postura destemida e de empoderamento, como na passagem: “Ela tragou lentamente. Soprou a fumaça na cara do companheiro. – Ricardo e suas ideias. E agora? Qual o programa?”. (Telles, 2009, p.1). Entretanto, a protagonista não foi capaz de reconhecer o perigo iminente que a aguardava.

A atitude do vilão demonstra seu ardil e a covardia, que impõem à mulher a submissão, sem a mínima chance de defesa. Assim, esta se converte em mais uma vítima

nas mãos de um homem frio, calculista e desumano que a conduz a uma emboscada fatal. Isso porque a insistência por um último encontro indica que o crime foi premeditado.

Ao ser convidada para um passeio ao cemitério abandonado, Raquel não percebe as reais intenções do seu ex-amante, nem fazia ideia de que o término do relacionamento havia deixado o coração dele cheio de mágoa e o levava a um desejo insaciável de vingança. Embora hesitante em alguns momentos, ela é ludibriada pelo discurso do homem: “[...] e ele tomou-a pelo braço. Você, está uma coisa de linda. [...] meu anjo”. (Telles, 2009, p. 1). De forma pueril, é conduzida como uma noiva. No entanto, não é levada para um altar de celebração, mas sim caminha a passos lentos para o altar de sacrifício, a sua própria morte, que ocorrerá entre as paredes de uma capela jazigo. Essa construção funerária reúne duplamente tanto o espaço para cerimônias religiosas quanto o local para sepultamento.

A ingenuidade da personagem feminina é tão grande que, em nenhum momento, foram percebidas as transformações na face de Ricardo, como observamos a partir da seguinte descrição:

Acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos. Ficou sério. E aos poucos, inúmeras rugazinhas foram-se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígio. Voltou-lhe novamente o ar inexperienced e meio desatento. – Você fez bem em vir. (Telles, 2009, p.2).

O registro tátil observado em “Acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos” cria uma atmosfera de delicadeza. O toque suave – que sugere intimidade, cuidado ou, até mesmo, cautela – prepara o leitor para a mudança de tom no comportamento do homem. Além disso, esse gesto inicial sugere algo mais nas entrelinhas, pois deixa de ser uma demonstração de afeto e se transforma no primeiro ato de um ritual de posse e dominação.

A narrativa concentra-se nas expressões faciais, explorando como as rugas surgem e desaparecem. O leitor é forçado a deduzir o que o vilão pensa quando essas marcas se (des)formam. Isso porque os gestos e os detalhes físicos sugerem nuances psicológicas, indicando a sagacidade de quem é movido por um ódio à rejeição. As expressões faciais concediam ao homem uma aparência que oscilava entre a imagem de

bom moço, longe de qualquer suspeita, e a imagem de malfeitor, mau-caráter: um jogo entre parecer e ser.

Como afirma Hall (2006) a respeito de identidade, o “sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente” (Hall, 2006, p. 13). O conto de Lygia Fagundes Telles explora a instabilidade das identidades. As rugas que surgem ao redor dos olhos de Ricardo, quando ele fica sério, revelam astúcia e experiência, mas desaparecem rapidamente, encobertas pelo sorriso que aparenta seu “ar inexperiente”. Vejamos um pouco mais a deformidade que se apresenta na descrição do antagonista, aproximando-o da imagem de um velho:

Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram do seu rosto. (Telles, 2009, p. 3).

Como já disse Beauvoir (1970b), a velhice costuma ser envolvida por certo horror, alimentado, sobretudo, pela forma pejorativa como a sociedade ocidental a enxerga, ou seja, associa-se o velho ao feio e a perdas, em contraste com a juventude que é valorizada como o belo. A ação de pegar e fechar um pedregulho é uma extensão do que o homem pretende fazer com a mulher. Naquele instante, significa que sua intenção de dominação começa a ser concretizada. Esse jogo expressivo sugere uma identidade instável ou dupla, em que há revelação e dissimulação, evidenciando a ambiguidade, a dupla face do sujeito cujo comportamento será cruel no desfecho da história.

“Venha ver o pôr do sol”, por meio de sua trama envolvente e tensa, denuncia uma forma de violência profundamente enraizada nas dinâmicas de gênero. A manipulação emocional de Ricardo sobre Raquel reproduz um sistema que, em muitos casos, subestima e deslegitima as mulheres, tratando-as como objetos de desejo e controle. Assim, o conto de Lygia Fagundes Telles torna-se importante para refletirmos sobre as relações de poder e a violência que permeiam as relações de gênero em uma sociedade estruturalmente patriarcal.

É interessante a análise feita por André Pelinser (2011) a respeito do conto em foco. São apontadas várias especificidades acerca do modo de narrar a história, por meio do estabelecimento gradativo de uma atmosfera de morte. Em especial, o referido autor

ênfatiza o trabalho linguístico da escritora, o qual traz a presença de símbolos do início ao fim do texto:

Dona de um enredo bastante simples, a trama se detém sobre o último encontro de um casal de ex-namorados, a pedido de Ricardo, que deseja ver Raquel ainda uma vez para mostrar-lhe o pôr do sol mais lindo que há, segundo ele. No entanto, mais do que ver o astro descer no horizonte, a ex-namorada terá a chance, consciente e dramática, de ver sua vida se pondo lentamente, junto com as derradeiras luzes do dia. Marcada para o topo de uma colina, num cemitério abandonado, a conversa é recheada de uma simbologia precisa, inscrita indelevelmente em palavras-chave, que vão do título à última linha do conto, tecendo a atmosfera de morte responsável pelo peso da crueldade que brota ao final da narrativa, sob os olhos atentos do leitor. (Pelinsér, 2011, p. 1)

No título do conto “Venha ver o pôr do sol”, eis o convite feito pelo ex-amante para a mulher desejada: a morte. Isso porque a imagem “pôr do sol” (o ocaso, o fim do dia) pode ser entendida como uma metáfora para o fim da vida. No entanto, não se trata de uma simples morte, mas sim marcada por requintes de crueldade a partir de uma vingança arquitetada na mente do vilão. Assim, o plano macabro foi executado de maneira que nada saísse do seu controle. O homem apresenta-se como juiz e executor da mulher por meio da tortura, lembrando a prática do emparedamento. Hunt (2009, p. 29) lembra que a tortura foi considerada, desde o século XVIII, uma das “formas mais extremas de punição corporal” e, por isso, inaceitável.

Raquel ousou a desobediência quando se recusou a cumprir o papel social que a ideologia patriarcal lhe determinaria. Não há o respeito à individualidade da mulher. Como consequência, condenada pelo homem, é aplicada punição ao corpo feminino com a frieza de uma vingança. A protagonista é aprisionada e obrigada a experimentar, pouco a pouco, o processo de sua morte.

Podemos notar que, desde o início do conto, é tecido um espaço físico mórbido e sombrio, já que até mesmo a canção cantada pelas crianças que se encontravam na rua era débil. Ao mesmo tempo, aquela música era o único vestígio de vida notado por Raquel ao caminhar rumo à sua morte, contraditoriamente, premeditada por aquele que dizia tanto amá-la. Na atmosfera de mistério, emerge a dura realidade quando a mulher é trancafiada na capela do jazigo, sem a mínima chance de sobrevivência:

[...] No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. [...] Ele esperou que ela chegasse quase a tocar o trinco da portinhola de ferro. Então deu uma volta à chave, arrancou-a da fechadura e saltou para trás. [...] -

Sacudiu a portinhola com mais força ainda, agarrou-se a ela, dependurando-se por entre as grades. Ficou ofegante, os olhos cheios de lágrimas. (Telles, 2009, p. 5).

A cena citada mostra a desigual relação de poder entre as personagens, destacando-se que o homem ocupa uma posição de superioridade. A metáfora “uma volta à chave” remete à mudança. À medida que a mulher é controlada e não consegue fugir, torna-se ainda mais vulnerável atrás da grade. A portinhola, por sua vez, remete a uma pequena abertura em gaiola ou prisão, também representa a fronteira entre a liberdade e a prisão. Ao final do enredo, é possível a visualização de Raquel dependurada nas grades, ofegante e com lágrimas nos olhos, intensificando a emoção do momento. Por fim, o leitor torna-se a única testemunha do desespero da personagem, sendo levado a sentir piedade, terror e/ou revolta, sem condições de intervir na cena.

## **Considerações finais**

A narrativa de mistério e suspense de “Venha ver o pôr do sol” revela a complexa e dolorosa realidade da violência contra a mulher. Por meio da história de Raquel e Ricardo, de maneira impactante, destaca-se a importância de se compreender a violência como um fenômeno multifacetado, que atinge o corpo, a mente e a identidade, manifestando-se por diferentes formas, desde a violência simbólica até a violência física.

Há a problemática do patriarcado, incorporada pela personagem Ricardo que, inconformado com o rompimento do relacionamento com Raquel, planeja a destruição desta. No que concerne à dinâmica patriarcal, aos homens é dado o poder de tomar as decisões e de manter o domínio e o controle sobre a mulher. Nesse sentido, a protagonista teve um fim trágico, assim como muitas mulheres na sociedade contemporânea, sendo silenciada e aniquilada.

A violência contra a mulher é uma prática cultural que está na estrutura da sociedade, sendo reiteradamente reproduzida. Em específico, ao abordar a violência de gênero, o conto de Lygia Fagundes Telles convida à reflexão sobre as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade entre os sexos. Enfim, a luta pelos direitos humanos das mulheres deve ser uma busca contínua por emancipação, autonomia e reconhecimento, desafiando as normas e os padrões aos quais os corpos femininos foram e continuam

historicamente sendo assujeitados. Essa luta foi (e continua) sendo fundamental para romper com a dominação do patriarcado.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo. 1. Fatos e Mitos.** v. I. Tradução Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970a.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice:** a realidade incômoda. Tradução Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970b.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos:** uma história. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PELINSER, André Tessaro. **Uma Arquetipologia da morte em Venha ver o pôr do sol, de Lygia Fagundes Telles.** Anais do SILEL. v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em <https://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/1222.pdf> Acesso 10 jan. 2025.

POE, Edgar Allan. A filosofia da composição. In: **Ficção completa, poesia & ensaios.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1981.

POUND, Ezra. **ABC da literatura.** Tradução Augusto de Campos e José Paulo Paes. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TELLES, Lygia Fagundes. Venha ver o pôr do sol. In: **Antes do baile verde:** contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Disponível em <http://www.colegionomelini.com.br/midia/arquivos/2013/1/5e445f1ad2a6ebc730b440466212ca38.pdf> Acesso em 07 ago. 2025.

ZOLIN, Lúcia Osana. Os estudos de gênero e a literatura de autoria feminina no Brasil. In: **Anais, 15º Congresso de Leitura do Brasil, 2005.** Disponível em [https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais15/alfabetica/ZolinLuciaOsana2.htm](https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais15/alfabetica/ZolinLuciaOsana2.htm) Acesso em 10 ago. 2025.